

O fio da navalha: na política das vozes sobrepostas e dissonantes quando o medo entra em cena nos discursos sobre a COVID-19

*Giselle Maria Sarti Leal¹
Luciana Paiva de Vilhena Leite²*

Resumo: Tendo como principal aporte teórico a Teoria Semiolinguística do Discurso, este artigo tem como proposta analisar a construção discursiva do ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, acerca da problemática da Covid-19, em entrevista concedida ao Programa Roda Viva da TV Cultura, no dia 12 de outubro de 2020. A partir de fragmentos transcritos da entrevista, procura-se observar a sobreposição e a dissonância de vozes presentes na narrativa do ex-Ministro, no que se refere às instâncias técnica, política e midiática em que se coloca, numa gradativa desconstrução da sua identificação inicial com o fazer político-discursivo do presidente Jair Bolsonaro. Agenciam-se as categorias discursivas do comportamento enunciativo em que essas vozes sobrepostas e dissonantes são evidenciadas, bem como a instauração de uma tópica do medo: na fala de Mandetta, o medo da doença e da morte e na fala relatada de Bolsonaro, o medo do caos econômico.

Palavras-chave: discurso político, discurso midiático, atravessamento de vozes, saber técnico, análise semiolinguística

Introdução

Ao trazermos à cena as vozes políticas contemporâneas, não podemos deixar de analisá-las a partir de um percurso histórico, sobretudo quando está em evidência um certo *controle dos sujeitos* a partir do que concebemos por uma *tópica do medo*. Não é novidade, na

¹ LEAL, Giselle Maria Sarti é professora Adjunta da Escola de Letras da UNIRIO. Doutora em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa pela UFRJ, cujas pesquisas se concentram na Análise Semiolinguística do Discurso e ensino-aprendizagem de Língua Materna da Educação Básica. E-mail: giselle.leal@unirio.br

² LEITE, Luciana Paiva de Vilhena é professora associada da Escola de Letras da UNIRIO. Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, cujos interesses se voltam para pesquisas em Análise Semiolinguística do Discurso, bem como o diálogo entre língua e literatura e entre a universidade e a comunidade extracampi. E-mail: Luciana.vilhena@gmail.com

dinâmica das relações sociopolíticas, que a construção de narrativas que subsidiam o controle dos sujeitos é um procedimento bastante eficaz.

Como podemos observar, desde Maquiavel (2017), cabe às lideranças quaisquer estratégias - incluindo o uso do discurso do medo - que sustentem certos grupos (muitas vezes os mesmos grupos) nas esferas do poder, sendo preferível ser temido a ser amado, uma vez que o homem é mais covarde do que justo. A experiência social e política, ao longo da história, mostra-nos, então, que toda vez que o medo foi usado como instrumento político, o que tínhamos, como efeito, era uma diminuição da capacidade da autonomia dos sujeitos, que, muitas vezes, tornavam-se incapazes de pensar criticamente. É nessa direção que Etienne La Boétie, em seu *Discurso sobre a Servidão Voluntária* (2006), revela que a narrativa do medo promove, no sujeito, uma espécie de *desnaturação* a partir do momento em que ele perde a sua natureza humana, caindo no estado de decadência e alienação, o que traz, como efeito, um certo estado de torpor desse sujeito transfigurado em indivíduo deliberadamente servil. Essa alienação turva a capacidade da observação dos fenômenos em sua complexidade, acabando por impor, então, posições uniformes que se baseiam muito mais na crença do que na razão. Assim, quando evocamos as crenças, trazemos à tona uma espécie de fantasia, que habita os imaginários coletivos a partir de signos associados ao *medo*, que, para Bauman (2008, p. 8), na sociedade pós-Moderna, é líquido, portanto, difuso e, por isso, mais assustador. Segundo o filósofo, “‘medo’ é o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”.

Antes de Bauman, Freud (1976), para pensar a sociedade moderna de seu tempo, já enunciava que a cultura produzia, no ser humano, um mal-estar gerado pelo confronto do humano com a sociedade. Para o autor, o indivíduo deveria ser sacrificado em nome da civilização, do coletivo e, nesse sentido, deveria pagar o preço da renúncia de sua satisfação pulsional. Nesse sentido, a sociedade exercia sobre o sujeito uma força de contenção, subsidiada, também, pelo medo: o medo da liberdade. Em *O futuro de uma ilusão* - texto anterior, de 1927 -, Freud salientava que, em nome de uma renúncia de suas satisfações

individuais, a religião teria uma função conservadora da sociedade humana, asseverando que o desamparo infantil estaria presente desde a sua trajetória primeva até sua vida adulta.

Partindo para o cenário da política contemporânea brasileira, a temática do medo é identificada, de acordo com o professor João Cezar de Castro Rocha³, por um pensamento que, segundo o estudioso, vem sendo gestado desde a década de 80 e que culminou, nas eleições de 2018, com o que ele chama de *Bolsonarismo*, um sistema de crenças resultante do encontro de três fatores: a Doutrina de Segurança Nacional (herdada da Ditadura), o Orvil (livro secreto da ditadura, que resgata a ideia da ameaça comunista) e a pregação do discurso de ódio de Olavo de Carvalho. Segundo o professor, a combinação desses três fatores engendra uma visão de mundo bélica, expressa numa retórica de ódio alimentada por teorias conspiratórias, o que, naturalmente, instaura uma tópica do medo na sociedade.

Esta investigação organiza-se, então, no bojo das questões trazidas aqui à baila, em uma perspectiva ampliada, articulando saberes dos campos de estudo social, político e filosófico ao campo da Teoria Semiolingüística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008), visando a analisar um *corpus* em especial: o discurso de Luiz Henrique Mandetta em entrevista concedida ao Programa *Roda Vida*, da *TV Cultura*, em 12 de outubro de 2020⁴. Pretendemos analisar em que medida o “descompasso” entre a postura do ex-Ministro da Saúde e a do atual presidente Jair Bolsonaro se dá, no âmbito da enunciação, a partir de suas identidades sociodiscursivas e da evocação da *tópica do medo* como *visada patêmica* (CHARAUDEAU, 2010) sobre a instância de recepção. Pretendemos flagrar, então, como ocorre o movimento que, inicialmente (no início do Governo Bolsonaro), é de identificação do Ministro com o Presidente e que, gradualmente, desidentifica-se - ainda que sem marcas explícitas dessa desidentificação - a ponto de revelar-se como uma voz dissonante à de Bolsonaro.

³ Em reportagem da Folha de São Paulo, seção Opinião. Endereço eletrônico: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/08/bolsonarismo-e-a-mais-perversa-maquina-de-destruicao-de-nossa-historia-republicana.shtml>. Acesso em: 24 de nov. 2020]

⁴ Os excertos analisados foram transcritos pelas autoras. A entrevista completa pode ser acessada na Plataforma YouTube, no canal do Programa Roda Viva, pelo endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=nztDjy3SxOs&t=152s>. Acesso em: 24 de nov. 2020.

Medo e mentira como categorias de discurso: entretecendo as teias de vozes

De acordo com Possenti (2015), a Análise do Discurso estabelece relação privilegiada com a História (e não com a Psicologia, por exemplo) para explicar o surgimento e a circulação de enunciados, pois estaria concentrada nas chamadas *condições de produção dos discursos*, o que inscreve o sujeito desse discurso como aquele que fala a partir de um posicionamento histórico. De acordo com o autor, “descreve-se um evento X, que corresponderia ao discurso Y, que dele decorreria ou que ele permitiria pôr em circulação; a tese é de que, sem tal evento, tal discurso não existiria ou, pelo menos, não circularia” (POSSENTI, 2015, p. 49). Ora, percebemos, aí, estreita relação do discurso desse sujeito, que parte de um posicionamento histórico, para a construção de uma memória, que guardaria, então, importante relação com o tempo em que esse discurso surgiu.

Para esta investigação, que se debruça sobre o discurso do ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, sabatinado por uma equipe de jornalistas e representantes técnicos das áreas sanitária e da saúde, a partir de um veículo midiático (a *TV Cultura*), percebemos como o evento *Pandemia de Coronavírus* permitiu que se criassem vozes atravessadas no que se refere a uma argumentação em torno da *temática saúde pública e combate à pandemia*.

É fundamental ressaltar que há uma nítida articulação entre o que podemos considerar por *mentira* e em como a construção de um discurso “mentiroso” poderia paralisar os sujeitos a partir do *medo* por ele evocado. Assim, o binômio *mentira-medo*⁵ parece apresentar-se como importante potencial manipulador dos sujeitos envolvidos no jogo enunciativo instaurado entre as instâncias de produção e de recepção. Veja-se o excerto:

Quando o Ministério da Saúde muda a orientação, ele muda porque ele passa a estabelecer um tratamento precoce com Cloroquina, que ele passou a orientar que as pessoas dirijam-se à unidade, para que possam receber a medicação da Cloroquina. E, então, eles acreditam que esse caminho com Cloroquina tem sustentação técnica e nós

⁵ Criamos, aqui, essa categoria para fundir as instâncias de produção – responsável por proferir discursos mentirosos e de recepção – em cujo efeito visado é o medo. Esse medo, nos domínios do que defendemos, é responsável por promover uma mudança de comportamento do indivíduo, que representa a instância cidadã.

não tínhamos evidência científica pra fazer tratamento precoce, o tratamento sempre era sintomático. Acho que era mais por aí.

(Mandetta em resposta à entrevistadora Claudia Colucci – 1º bloco – *Programa Roda Viva da TV Cultura*, 12/10/2020)

Ainda que não houvesse comprovação científica da eficácia da Cloroquina no tratamento de pacientes com Covid-19, o Ministério da Saúde mudou a orientação na direção da prescrição do medicamento, justificando esse posicionamento com argumentos não racionais e não condizentes com a verdade científica. Fica fácil notar que se trata de uma estratégia de construção de narrativas, subsidiada por argumentos de mercado, para construir um efeito de sentido de benfeitoria do poder público no combate à doença. Entretanto, notamos uma dissonância entre a voz técnica e a voz política de Mandetta, sustentando o posicionamento agenciador do medo, isto é, instaura-se a ideia de que, se o paciente não usasse o medicamento, poderia vir a piorar.

Enfocando questões concernentes ao discurso – e não relacionadas, necessariamente, a aspectos morais -, podemos lançar mão do pensamento de que o que distinguiria a verdade da mentira seriam as *condições de sinceridade* do sujeito que afirma alguma coisa, ou *as condições situacionais determinadas pelo gênero de discurso*, já que, em função deste, a mentira poderia ser mais ou menos admitida, como ocorre com a ficção literária.

Para Emediato (2016), haveria uma espécie de hierarquização no que se refere à construção do discurso mentiroso, que poderia ser *autorizado* se estivesse no âmbito de certas construções discursivas (mas não de outras), estabelecendo um certo caráter de relativização. Isso, é claro, seria aplicável, também, ao que se reconhece por verdade – e não é à toa que muitos pesquisadores, entre filósofos, jornalistas e analistas do discurso debruçam-se sobre a temática da *Pós-verdade*. De acordo com o estudioso,

as verdades, por serem relativas, dependem essencialmente dos seus domínios de validação: no domínio científico, os critérios são metodológicos e epistemológicos e fornecem as bases epistêmicas de validação e de falseamento, caracterizando as verdades científicas como verificáveis, ou não, e, por isso mesmo, falíveis; no domínio jurídico, as bases são deonticas [...] e elaboradas na forma de uma

decodificação jurídica [...]; no domínio religioso, as bases de validação da verdade são epifânicas e não são verificáveis [...], por isso, caracterizadas como infalíveis, já que vinculadas à revelação e à fé.
(EMEDIATO, 2016, p. 17)

Entretanto, é fundamental perceber que, quando se trata de discurso político, as bases passam a ser ideológicas, o que também acaba acontecendo com grande parte do discurso midiático. Nesse sentido, as verdades passam a ser construções de discurso (assim como as mentiras), evocando aspectos retóricos e, muitas vezes, atrelados *a uma manipulação mais ou menos deliberada*, como pudemos observar no fragmento analisado.

Em artigo recente (cf. LEITE & LEAL, 2019), analisamos como a dinâmica enunciativa que entrelaça as esferas política e midiática é perpassada pelas considerações sobre *verdade e pós-verdade*⁶ quando evocamos esse fenômeno relativizador do real. No *corpus* analisado - composto por *tweets* produzidos por diferentes instâncias de enunciação, nos quais se atacavam os discursos de esquerda no Brasil no período pré-eleitoral de 2018 -, verificamos uma supervalorização dos *sistemas de crenças*, pautados em uma *tópica da moralidade*, que identificava as esquerdas brasileiras como agenciadoras de sujeitos que teriam uma moralidade duvidosa. No *corpus* desta investigação, os saberes de crença também são evocados, não em função de uma *tópica da moralidade*, mas a partir de um confronto de poder/ de vozes que disputam argumentos que chancelem a ciência/saúde *versus* a economia, criando uma cisão entre esses dois domínios da experiência social, como podemos verificar no trecho a seguir:

[...] Nós tentamos, naquele intervalo de tempo, tudo que você pode imaginar: reuniões pessoais, individuais, eu e o presidente, reuniões com todos os Ministros, todos falando a mesma coisa, quase que todas essas reuniões a gente terminada falando: não, agora, agora vamos, agora vai dar certo, agora ele entendeu, vamos dar um passo à frente... passava 24, 48 horas, ele fazia diametralmente o contrário. Ele tinha um entorno dele paralelo, ele não se pautava pelo Ministério da Saúde, ou pelos Ministros ali, do campo militar, os mais próximos, *ele se pautava muito pela internet, por esse mundo virtual, né...*[...]

⁶ Ressaltamos que não é nosso intuito, nesta investigação, trazer à tona a complexidade da problemática que envolve as discussões sobre o conceito de “pós-verdade” nos estudos dos campos filosófico, social ou político. Assim, restringimo-nos ao uso desse conceito no campo do discurso articulado à *tópica do medo*.

(Mandetta em resposta à entrevistadora Luiz Megale– 1º bloco – *Programa Roda Viva da TV Cultura*, 12/10/2020)

Nesse sentido, nota-se que a intersecção entre os discursos político e midiático - já que sabemos que são as grandes mídias, hegemônicas ou não, que veiculam as enunciações políticas - é responsável por percebermos construções discursivas com atravessamentos importantes entre o que podemos compreender como uma racionalidade (*logos*), como uma credibilidade (*ethos*) e como os efeitos dessas duas dimensões nos eleitores/cidadãos, recrutando-os ideologicamente e provocando as suas paixões e expectativas (*pathos*).⁷

Agenciamentos de poder: as disputas narrativas e as visadas patêmicas

Subsidiados pela Teoria Semiolinguística do Discurso (TSD) de Patrick Charaudeau (2008), mas empreendendo diálogos necessários com outras áreas do saber, como os campos da filosofia, da psicanálise, dos estudos pós-estruturalistas e dos estudos sobre o discurso político e o midiático, pretendemos, nesta investigação, um percurso teórico-metodológico que aponte caminhos para que possamos compreender, na análise realizada, como as instâncias de poder, na cena pública e política brasileira, colocam-se discursivamente em prol da construção de narrativas que se apoiam no *binômio mentira-medo* com o fito de capturar a instância cidadã, que deve aderir ao projeto de fala das instâncias de enunciação. Entendendo, aqui, o medo como construção de um cenário narrativo negativo em relação a qualquer evento da vida social, o que percebemos é que, em relação à Pandemia de Covid-19 no que se refere, em especial, à fala de Luiz Henrique Mandetta no *Programa Roda Viva da TV Cultura* em 12 de outubro de 2020⁸, alternam-se as instâncias política, técnica e midiática em um movimento

⁷ Esses conceitos aristotélicos são retomados por Charaudeau (2007, 2010), na *Teoria Semiolinguística do Discurso*, sendo relacionados às noções de instância de produção e de recepção da enunciação e do agenciamento das emoções no discurso. Serão retomados adiante.

⁸ É importante destacar que essa entrevista foi concedida 6 meses após a demissão do Ministro da pasta da Saúde (ocorrida em 16 de abril de 2020), o que torna a situação de enunciação, de certa, forma, distanciada do evento de sua demissão.

pendular: ora o projeto de fala se funde entre as instâncias política e técnica; ora há projetos de fala dissonantes em relação a essas instâncias, como será visto mais detalhadamente na próxima seção.

Podemos perceber, então, que, quando analisamos a sobreposição de vozes, precisamos levar em consideração que elas estão sempre ancoradas por normas sociais. Charaudeau (2016), em *A conquista da opinião pública*, revela que os grupos humanos sempre se fizeram e se desfizeram guerreando, mas que o homem (na dimensão iluminista do termo) teria substituído essa ordem por outra ordem, que lhe seria benéfica: a *ordem da cultura*. Na visão do estudioso, todas as culturas evoluiriam segundo esse processo: situação de conflito > tentativa de regulação > estabelecimento de um equilíbrio e depois, novamente, *conflito > regulação > equilíbrio*. É notório que esse conflito é agenciado pelas relações coercitivas de força e de poder que emanam do corpo social. Segundo Charaudeau (2016, p. 11), “esses conflitos surgem quando se trata, para uns, de estender seu poder sobre o território dos outros e tentar apropriar-se desse território; para outros, trata-se de defender seu território e sua identidade (as guerras de fronteiras)”. Ampliando a elaboração dessa metáfora, quando evocamos a cena política e pública, estamos falando de *disputas narrativas*, que podem ser enxergadas como *processos de regulação social*, inscritos num *jogo de relações de força* entre posições de poder e de contrapoder.

Foucault (2017), em *Microfísica do poder*, relacionando categorias como *poder* e *verdade*, diz que precisamos produzir certa verdade, pois as instâncias de poder não param de nos indagar, de nos questionar e de institucionalizar a verdade, profissionalizando-a e recompensando-a. Na visão do filósofo, estaríamos fadados a produzir verdades tanto quanto a produzir riquezas. A pós-modernidade traz, então, uma gama de exemplos, subsidiados pela visão capitalista, de que muitos jogos de poder não estariam vinculados a uma decisão naturalmente ideológica, mas a um pensamento vinculado ao capital e seus desdobramentos no âmbito neoliberal, como as políticas de mercado. No *corpus* analisado, Mandetta, em

Esse fato poderia ter influenciado a elaboração de um discurso, por parte de Mandetta, que tendesse para um “tom de neutralidade”, ainda que reconheçamos que os procedimentos linguístico-discursivos adotados na entrevista sejam cambiantes. É importante lembrar, ainda, que, durante a entrevista, Mandetta fala sobre seu livro recém-lançado: Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus, que deixa evidente a instância técnica, a de médico.

Gláuks: Revista de Letras e Artes— jan/jun. 2021 – Vol. 21, Nº 1

vários momentos, deixa claro que a decisão política (associada a uma política econômica de Paulo Guedes) sobreporia a decisão sanitária e humanitária, o que se coaduna com o pensamento foucaultiano: “[...] ele fez uma opção política consciente que colocava em risco a vida das pessoas” (entrevista, bloco 2).

O que é desejável, entretanto, como estratégia do *discurso político* - pelo próprio alcance que o termo adquiriu, semanticamente, nas sociedades modernas e pós-modernas - seria a construção de procedimentos de negociação entre as instâncias de poder. Voltando à visão de Charaudeau (2016), essa negociação produziria um certo jogo de influência no qual cada uma das partes procuraria se sair bem, em busca de uma situação de equilíbrio, conforme fossem sendo estabilizadas, via negociação, as forças que entraram em conflito. No *corpus* aqui analisado, percebemos que Mandetta procura um certo tom conciliatório, negociando as forças que representam as suas instâncias política e técnica.

É interessante perceber, como veremos mais detidamente na análise dos contextos mais expandidos da entrevista de Mandetta, que esse agenciamento das instâncias de suas vozes discursivas leva em conta a própria possibilidade de *um agir sobre o outro*, isto é, a todo momento, a voz técnica do ex-Ministro parece estabelecer uma luta de forças para se impor sobre a sua voz política que, em última instância, deve certa obediência ao Presidente. De acordo com Charaudeau (2016), essa luta de forças estaria subsidiada por três questões: 1) a da legitimidade – isto é, a de um mecanismo de reconhecimento do corpo social do direito de agir em nome de uma finalidade; 2) a da autoridade – isto é, a que se relaciona e é aderente à pessoa pelo seu *saber e o conhecimento* que tem da atividade que exerce e 3) a da potência – isto é, a que é medida pela capacidade de *poder fazer*, que pode ser mais ou menos forte, sendo, então, um meio e não um fim. O que percebemos, então, em uma análise mais ampliada do contexto político deste ano de 2020, é que chegou um momento, nos idos de abril, que o Ministro, enquanto voz do técnico, foi perdendo essa *potência de agir*, como vemos no fragmento a seguir – o que acabou culminando com sua demissão da pasta – em que os esforços para um esclarecimento técnico a respeito da Pandemia não eram acolhidos, sequer ouvidos pelo Presidente “[...] então não só eu informei na reunião de Ministros e eu

procurava informação individual com o presidente, e ele sempre: não quero, não” (Entrevista, bloco 2).

No que se refere à *tópica do medo*, que é central a esta investigação, o discurso político (CHARAUDEAU, 2015), que envolve a *instância política* (a que exerce o poder que lhe é conferido) e a *instância cidadã* (a do cidadão, do eleitor), não se exime de evocar certos *efeitos patêmicos*. Nesse sentido, trazendo essa outra categoria de análise, que se afina com uma *tópica das emoções* centrada na instância de recepção, Charaudeau (2007, 2010) nos diz que há, em muitos discursos, um *universo de patemizações* com respectivas tópicas, que podem produzir *efeitos patêmicos* no interlocutor. O que estamos defendendo, nesta investigação, é que a *tópica do medo* é usada de forma a imobilizar a instância de recepção, que pode vir a aderir ao discurso do enunciador não por convicção (a partir de uma argumentação racional), mas por medo (a partir de categorias argumentativas de *patemização*). É importante salientar, entretanto, que estamos falando apenas de efeitos visados pela instância de enunciação. O compromisso de adesão da instância de recepção envolve, é claro, uma complexidade que é, a todo momento, colocada em jogo em um cenário instável e mutante, como o que estamos atravessando no seio de uma pandemia. No *corpus* posto sob análise, podemos verificar que Mandetta coloca-se *vacilante* numa *proposta delocutiva* de apagamento de sua subjetividade no discurso, quando a *tópica do medo de a economia ruir* entra em cena, pois, caso ele faça adesão a esse posicionamento, sua posição de médico se fragilizaria. O ex-Ministro, então, opta por aderir a uma *proposta patemizante do medo de a população adoecer*, ressaltando, via jogo discursivo, o seu papel social de instância técnica, como podemos verificar no trecho a seguir, em que o enunciador se afasta *delocutivamente*, a partir das categorias de língua pronominais de 3ª pessoa – *ele* passa, *ele* passou – e do uso da nominalização *Ministério da Saúde*, ao invés de evocar a si próprio quando há uma chancela do uso de Cloroquina pelo Presidente.

[...]quando o *Ministério da Saúde* muda a orientação, *ele* muda porque *ele* passa a estabelecer um tratamento precoce com Cloroquina, que *ele* passou a orientar que as pessoas dirijam-se à unidade, para que possam receber a medicação da Cloroquina. E, então, *eles* acreditam que esse caminho com Cloroquina tem sustentação técnica.

Sobreposições e dissonâncias: as vozes de/ em Mandetta e a tópica do medo

A partir do diálogo com o aparato teórico explicitado, propomos um recorte de análise de três fragmentos transcritos da entrevista do ex-Ministro Luiz Henrique Mandetta ao *Programa Roda Viva*, transmitido pela *TV Cultura* – contextualizados pelas perguntas a ele dirigidas. Focalizamos as categorias discursivas elencadas, que podem ser observadas a partir de categorias linguísticas que remetem a esse plano discursivo – em que história e memória se coconstroem.

Evidencia-se, assim, uma profusão de vozes na narrativa – historicamente marcada – escolhida pelo ex-Ministro: I) *vozes sobrepostas* – na medida em que ele se coloca como instância de enunciação compósita de um sujeito que, enquanto identificado como médico, demonstra um saber técnico, ao mesmo tempo em que, enquanto identificado como Ministro da Saúde, demonstra um saber político; II) *vozes dissonantes* – na medida em que ele se posiciona, em seu fazer discursivo, como uma instância de enunciação que diverge do posicionamento político-ideológico da instância política *Presidência da República*, representada por Jair Bolsonaro. Essa tensão de vozes dá-se, principalmente, em torno de uma *visada patêmica* que explora a *tópica do medo*, sendo, por seu turno, projetada no discurso, em direção a uma instância de recepção, desdobrada em medo da doença/ da morte, de um lado, e em medo do caos/ da crise econômica, de outro.

Observemos, então, um primeiro fragmento, que compõe o primeiro bloco do programa:

| PERGUNTA | RESPOSTA |
|---|--|
| Vera (apresentadora): [...] Vou começar com um trecho do livro que eu acho que resume bem a sua relação com o presidente Jair Bolsonaro no auge da crise, e o que resultou na sua demissão. Eu abro aspas pro senhor: “Sempre que eu ia ao gabinete dele, em cima da mesa, havia caixas de Cloroquina. Nunca tinha máscaras de proteção, ou álcool | Então, naquele momento, a gente tinha um desenho muito forte, a equipe era muito técnica, e nós tínhamos quais eram os pontos que trabalhavam a favor da doença, a favor do vírus. Quais eram os pontos que trabalhavam a favor do nosso sistema de saúde, a favor de convergência. E a gente entendia que, naquele momento, a gente tinha que permanecer o maior tempo possível, pra evitar as <i>fake news</i> , falar |

| | |
|--|--|
| <p>em gel, mas a Cloroquina estava lá.” Em que momento o senhor percebeu que seria impossível permanecer à frente do Ministério da Saúde, do jeito que as coisas iam, e por que aceitou conviver por tantos meses com esse negacionismo que o senhor agora denuncia, Ministro?</p> | <p>o que a ciência tinha que falar, insistir na chamada pras pessoas, requalificar, reposicionar, redimensionar o SUS prum vírus leve. Aquilo, aquilo justificava todo e qualquer melindre que a gente podia ter, descompassos, como eu usava de palavra, em relação ao presidente. E... e essa questão de apostar na prevenção, de lavar as mãos, vamos fazer distanciamento, vamos cuidar... ela não era, talvez essa imagem da Cloroquina na mesa, ela sirva muito, porque aquilo era em todo o Palácio do Planalto [...] e eu tentando mostrar pra eles um plano de biossegurança, mostrando: olha, tem que ter álcool-gel, tem que ter máscara, tem que ter distanciamento. Então, eles levaram muito tempo pra entender o alcance da doença.</p> |
|--|--|

Excerto 1 - Mandetta, em resposta à apresentadora Vera Magalhães - Bloco 1 - Programa Roda Viva da TV Cultura, 12/10/2020

Nesse fragmento, que se constitui na primeira pergunta feita ao entrevistado, pode-se observar uma cena enunciativa que se constrói a partir da sobreposição das vozes de um Mandetta enunciador eminentemente técnico, e que, portanto, preenche as condições de legitimidade e credibilidade para o exercício do cargo político de Ministro da Saúde: “naquele momento, a gente tinha um desenho muito forte, a equipe era muito técnica” – instaurando, então, um *ethos de engajamento*. Essa instância técnico-política projeta o seu destinatário, procurando acessá-lo a partir de uma narrativa em que ele se coloca como uma espécie de “arauto” da ciência, da verdade e da saúde, como se observa em sua justificativa para ficar o maior tempo possível no cargo:

E a gente entendia que, naquele momento, a gente tinha que permanecer o maior tempo possível, pra evitar as *fake news*, falar o que a ciência tinha que falar, insistir na chamada pras pessoas [...] E... e essa questão de apostar na prevenção, de lavar as mãos, vamos fazer distanciamento, vamos cuidar [...] e eu tentando mostrar pra eles um plano de biossegurança, mostrando: olha, tem que ter álcool gel, tem que ter máscara, tem que ter distanciamento.

Destaca-se, aqui, uma enunciação em que subjaz a *tópica do medo*, o que, linguisticamente é expresso pela escolha lexical do ex-Ministro, remetendo ao campo semântico da prevenção, não apenas da doença – como se vê em “prevenção”, “lavar as

Gláuks: Revista de Letras e Artes – jan/jun. 2021 – Vol. 21, Nº 1

mãos”, “cuidar”, “biossegurança”, “álcool gel”, “máscara”, “distanciamento” –, mas também da prevenção das repercussões das circunstâncias da pandemia na esfera midiática – como se vê em “evitar as *fake news*” e “falar o que a ciência tinha que falar”. Essa escolha lexical, para além de revelar um saber técnico, revela, também, um saber midiático, visto que Mandetta adapta seu discurso, projeta-se discursivamente, como uma figura midiática, circunscrita num contrato de comunicação midiático e em um gênero discursivo midiático – a entrevista. Revela, ainda, e principalmente, uma argumentatividade que se orienta para uma conclusão do tipo: eu era detentor do conhecimento da gravidade da Covid-19 e fiz tudo o que pude para alertar a instância presidencial, bem como a instância cidadã dos riscos e das possibilidades de prevenção – eu avisei.

Uma outra estratégia linguística bastante empregada pelo entrevistado, ao longo de toda a entrevista, é o uso de nomes e pronomes de referência mais genérica, o que evidencia um comportamento locucional cuja intenção seria o apagamento das marcas de subjetividade no discurso, a que Charaudeau (2008) identifica como comportamento delocutivo. É interessante notar, contudo, que isso se dá, principalmente, na referência a terceiros, como em: “e eu tentando mostrar pra *eles*” e “*eles* demoraram muito pra entender”. Em relação a si mesmo, percebe-se uma tentativa de, inicialmente, uma referência menos egocêntrica, diluída pela expressão pronominal da 1ª pessoa do plural – “a gente”/ “nós”. Esse uso linguístico, dessa forma plural, para se referir ao sujeito enunciativo, pode ser interpretada em função de uma atitude de modéstia e humildade, em especial quando se trata de um relato de ações consideradas benéficas a um grupo social. Percebe-se, contudo que há uma oscilação dessa atitude enunciativa, para uma mais egocêntrica, com o uso do pronome de 1ª pessoa do singular “eu” – o que reforça a imagem do Ministro como uma instância política protetora, salvadora.

Ainda nesse primeiro fragmento, é possível também verificar a dissonância das vozes do então Ministro Mandetta e do Presidente Bolsonaro, neste caso, de forma bastante explícita: “Aquilo, aquilo justificava todo e qualquer *melindre* que a gente podia ter, *descompassos*, como eu usava de palavra, em relação ao presidente”. Tal dissonância é

engendradora pelo embate entre um discurso que teria por base um *saber de conhecimento* – a voz da ciência, defendida pelo Mandetta técnico – e um discurso que teria por base um *saber de crença* – a voz da “Cloroquina na mesa”, defendida pelo Presidente, aquele que teria demorado “a entender o alcance da doença”. Mais uma vez, a escolha vocabular do Mandetta-midiático, como se vê em “melindre” e “descompasso”, evidencia uma atitude enunciativa que se orienta argumentativamente para a conclusão de que ele fez o que pode, não abandonou o cargo, não deixou a instância cidadã desamparada, tendo suportado, inclusive, essa voz dissonante, que não permitiu que ele fizesse o que era preciso.

Observemos, a seguir, um segundo extrato da entrevista, do segundo bloco, cuja temática gira em torno da semelhança de posturas midiáticas do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, no que tange ao não reconhecimento da gravidade da Covid-19.

| | |
|--|---|
| <p>Átala Iamarino (entrevistador): Ministro, pegando o gancho de 2 países que os presidentes promovem Cloroquina, ainda como cura, embora um deles não tome, o Brasil e os Estados Unidos seguiram caminhos muito parecidos em números de mortes, proporção de mortos [...] Quer dizer, ele [Trump] tava informado desses números, né. Então, hoje em dia, quando ele fala que é uma gripe, que é leve, ele não tá sendo alienado, ele tá mentindo. E o nosso presidente? Do que que ele foi informado, de que números ele foi informado, de que gravidade ele foi informado, e quando, na pandemia, em relação aos pronunciamentos que ele deu? Porque o Trump sabia disso ao final de fevereiro, nas palavras dele, aliás, ao final de janeiro.</p> | <p>Essa era uma preocupação que eu tinha no cargo. Eu falava, poxa, será que esse pessoal não vai chegar no final e vai falar assim: você nunca informou. Então não só eu informei na reunião de Ministros e eu procurava informação individual com o presidente, e ele sempre: não quero, não vou ouvir, depois eu vejo [...] tinha o cenário lá dentro, eu deixava os otimistas, os realistas, os pessimistas, tinha internacionais, tinham, cenário tinham pra todos os gostos, mas o que mais me convenceu era o cenário que a gente tinha que lutar, era pra não chegar a 180 mil óbitos. E ele tinha que saber. E ele tinha que saber isso por cidade. Isso foi feito, foi apresentado, foi documentado por escrito, foi entregue a ele na presença de todos os Ministros dentro do Palácio da Alvorada [...] quando eles me perguntavam, e eu tinha ex-gestores, políticos, deputados que falavam o contrário, e falavam o que o presidente queria ouvir: olha só, vai ter 2 mil mortes, isso é uma coisa pra 5, 6 semanas e isso acaba... é... a Cloroquina resolve, médicos iam de São Paulo, iam até lá pra dar assessoria. Teve uma reunião que eles estavam pensando em fazer um decreto presidencial que o presidente alteraria a bula do medicamento Cloroquina, incluindo na bula a indicação de Cloroquina para esse tratamento com posologia, quer dizer, era uma coisa muito bem arquitetada daquele lado, para uso político e era muito parecido com o do americano e isso foi logo após aquela viagem do presidente pra Flórida [...] joga a Cloroquina, começa a chamar de vírus</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| | <p>chinês, fala que a culpa é da China, aí a China brigou, retaliou, então não dá pra falar que é da China, fala que é da Organização Mundial da Saúde, e passou o Ministério da Saúde a ser o elemento de raiva, quer dizer, esse cara é o cara que me traz a notícia ruim, é o cara que me fala a realidade, ele me fala o que eu não quero ouvir, né... [...] de tanto que essa coisa política foi levando eles pra esse delírio, mas era uma coisa muito bem formada, foi muito bem [...] eu acho que foi uma decisão política [...] olha, a minha, naquele momento, o meu testemunho, que eu dou, e eu acredito muito nisso, que o que faz uma nação, a razão número 1 é você zelar pela vida das pessoas, não deve ter um motivo maior pra gente tá dentro de uma nação do que zelar pela vida, né... então, naquele momento ali, frustra muito nós todos que somos da saúde, e eu num acho que seja despreparo, não acho que seja... eu acho que foi uma decisão consciente sim, sabendo dos números sim, apostando num ponto futuro, as eleições que mais pesam pra saúde são as eleições municipais, a saúde, o eleitorado olha muito o prefeito. Os governadores, a eleição de governador é muito ligada à segurança pública e a eleição de presidente da república é muito ligada à economia [...] [...] Ele fez uma opção política consciente que colocava em risco a vida das pessoas. Mas é isso, eu acho que foi consciente da parte dele.</p> |
|--|---|

Excerto 2 - Mandetta, em resposta ao entrevistador Átila Iamarino - Bloco 2 - Programa Roda Viva da TV Cultura, 12/10/2020

O binômio mentira-medo, conforme explicitado na discussão teórica que precede esta análise, pode ser verificado no relato de Mandetta, em relação à narrativa escolhida pelo Presidente, que se baseava por influências outras, que não a técnica (a do próprio Ministro da Saúde). Bolsonaro pautar-se-ia, segundo o entrevistador: pela atitude midiática de Trump, que optou por tratar o vírus como “algo leve”, embora soubesse dos números e da gravidade da doença – “isso foi logo após aquela viagem do presidente pra Flórida”; e pela assessoria daqueles que “falavam o que o presidente queria ouvir”. Tal postura, que resulta num comportamento enunciativo de minimização da ameaça à saúde pública, agenciando a tópica do medo por um outro viés – o medo da crise –, vai de encontro aos dados que Mandetta,

incansavelmente, apresentava ao presidente, ainda que recebesse respostas, como: não quero, não vou ouvir, depois eu vejo”.

É interessante observarmos, nesse contexto, que, a partir de suas escolhas linguísticas, Mandetta parece demonstrar uma dupla preocupação. Enquanto *instância política*, nota-se um cuidado com o não comprometimento de sua idoneidade, de sua credibilidade no exercício de seu mandato, como se observa no excerto:

Essa era uma preocupação que eu tinha no cargo. Eu falava, poxa, será que esse pessoal não vai chegar no final e vai falar assim: você nunca informou. Então não só eu informei na reunião de Ministros e eu procurava informação individual com o presidente [...]. E ele tinha que saber. E ele tinha que saber isso por cidade. Isso foi feito, foi apresentado, foi documentado por escrito, foi entregue a ele na presença de todos os Ministros dentro do Palácio da Alvorada.

Uma vez mais, ecoando outras respostas em outros momentos da entrevista, Mandetta coloca-se como “arauto” da verdade, como aquele que “traz a notícia ruim” o que “fala a realidade”, o que diz o que o presidente não quer ouvir. Chama a atenção a atitude enfática do entrevistado, quando repete a expressão “ele tinha que saber”, como também a intensificação das providências por ele tomadas, para garantir que “ele” soubesse, por meio das construções: “isso foi feito”; “apresentado”; “documentado por escrito”; “entregue a ele na presença de todos os Ministros”. Cada uma das ações – expressas pelos verbos *fazer*, *apresentar*, *documentar* por escrito e *entregar* na presença de testemunhas – são posicionadas numa escala argumentativa crescente de validação, para culminar na conclusão de que ele [o Presidente] sabia e que, portanto, minimizar o alcance e a gravidade da doença teria sido “uma decisão consciente *sim*, sabendo dos números *sim*”.

Uma segunda preocupação, possível de ser depreendida da fala do entrevistado, diz respeito ao seu comportamento enunciativo enquanto instância midiática, qual seja, com o não comprometimento com a afirmação de que Bolsonaro seria mentiroso, tal qual o presidente americano, instaurando na instância cidadã o medo de uma crise econômica e social, que poderia ser solucionada com o uso da Cloroquina.

A estratégia da implicação é bastante produtiva para esse efeito, resultando em uma espécie de proteção da face⁹ do sujeito enunciador: deixa-se o não dito, o subentendido, por conta do sujeito interpretante. Note-se que, ao posicionar-se como *voz da verdade*, e, portanto, dissonante da voz presidencial, “o elemento de raiva”, Mandetta assume uma orientação argumentativa que deixa subentendido o fato de que a voz divergente da sua seria a *voz da mentira*. A voz que discorda de sua *expertise*, de seu saber técnico e político, seria a voz que engendra o medo pela construção discursiva mentirosa: “olha só, vai ter 2 mil mortes, isso é uma coisa pra 5, 6 semanas e isso acaba... é... a Cloroquina resolve”.

Semelhantemente, a estratégia da atenuação, o emprego de termos com carga semântica menos acusatória, foi usada pelo entrevistado, com vistas, também, a esse descomprometimento, como se vê na utilização dos termos “opção política”, “consciente” e “risco” em: “Ele fez uma opção política consciente que colocava em risco a vida das pessoas”. Esses termos atenuam a responsabilidade da instância presidencial pelo altíssimo número de mortes, que levou o Brasil ao topo da lista de países mais afetados pela Covid-19.

Consideremos, por fim, este terceiro fragmento da entrevista, extraído do quarto bloco, que encerra este recorte da análise. De certo modo, a resposta de Mandetta resume toda a tensão de vozes presentes no fazer discursivo do entrevistado, assim como remete à tópica do medo:

| | |
|---|--|
| <p>Vera (apresentadora): [...] O presidente Jair Bolsonaro veio numa escalada retórica em relação ao senhor desde a sua saída. Primeiro ele lamentou, disse que havia problemas, e desde então, ele vem construindo um personagem de um Mandetta que é quase o responsável por todas as mortes que nós tivemos no Brasil. Ele, inclusive, escolheu essa narrativa, de que o fato de o senhor dizer</p> | <p>Eu acho que o travesseiro pesa. Eu deito e durmo com uma tranquilidade muito grande, porque entre saúde e doença, eu optei por saúde, entre morte e vida, eu fiquei com vida, entre o poder, a manutenção no poder e a coerência, inclusive política, eu fiquei com a coerência. E ele, provavelmente deve ter os seus fantasmas, deve ter ali dentro o seu travesseiro meio pesado quando ele viu as consequências, porque ele sabia [...]</p> |
|---|--|

⁹ De acordo com a proposta de Goffman (1985) face é “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.” (p. 77). Assim, para manter relações sociais e evitar conflitos nas interações, os sujeitos precisam manter o valor positivo de suas faces (amizade, cortesia, discrição, educação, solidariedade, etc).

| | |
|---|--|
| <p>pras pessoas não procurarem o médico ao primeiro sintoma, teria ocasionado muitas mortes. [...] Como o senhor vê essa campanha de assassinar sua reputação, que começou com a sua saída?</p> | |
|---|--|

Excerto 3 - Mandetta, em resposta à apresentadora Vera Magalhães - Bloco 4 - Programa *Roda Viva* da TV Cultura, 12/10/2020

Pode-se resumir o conflito de vozes e interesses a partir da escolha, por parte do entrevistado, de itens lexicais contrastantes, que remetem a campos semânticos contrastantes e evidenciam posturas político-ideológicas igualmente contrastantes, conforme disposto no quadro a seguir:

| Postura de Mandetta | Postura “dele” |
|---------------------|----------------|
| Saúde | Doença |
| Vida | Morte |
| Coerência | Poder |

Comparativo das escolhas lexicais de Mandetta, em resposta à apresentadora Vera Magalhães (Bloco 4)

Nota-se, novamente, que o ex-Ministro se refere, nesse contraste, às causas que ele optou por abraçar, evocando, mais uma vez, a sua imagem como “arauto” e protetor: ele escolheu saúde, vida e coerência – “inclusive política”. E nesse mesmo contraste, ao afirmar que “ele [...] deve ter ali dentro o seu travesseiro meio pesado quando ele viu as consequências”, sendo o pronome de 3ª pessoa usado para referir-se ao Presidente, sem mencioná-lo explicitamente, Mandetta associa esse “ele” justamente às escolhas que ele, enquanto Ministro, não fez, ao campo semântico da doença, da morte e do poder a qualquer custo. Dessa forma, orienta seu discurso, para uma argumentação que conduz à conclusão de que “ele sabia” – eu avisei.

Considerações finais

Esta investigação, pautada majoritariamente na Teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau (2008), mas com amplo diálogo com áreas de estudo, como a Filosofia e a Sociologia, buscou empreender uma análise da construção linguístico-discursiva da entrevista de Luiz Henrique Mandetta no *Programa Roda Viva da TV Cultura* no dia 12 de outubro de 2020, procurando flagrar a sobreposição e a dissonância das vozes das instâncias técnica, política e midiática atribuídas ao ex-Ministro.

A partir dos fragmentos selecionados e analisados, pudemos constatar, mediante as marcas linguístico-enunciativas presentes, certo descompasso entre as posturas do ex-Ministro Mandetta e do presidente Jair Bolsonaro (que aparece apenas em fala relatada ou referendada no decorrer da análise), no que se refere aos discursos de *combate à Pandemia de Coronavírus*. Assim, foi possível verificar que Mandetta oscilou entre uma atitude enunciativa que se coadunasse com a de Bolsonaro, reforçando sua instância política, uma vez que ele foi escolhido para a pasta pelo presidente e uma atitude enunciativa que se afastava da de Bolsonaro – porém em uma atitude delocutiva -, enfraquecendo, assim, a sua instância política e reforçando, por conseguinte, a sua instância técnica.

Procuramos, também, identificar, nos excertos analisados, uma evocação da *tópica do medo* como *visada patêmica* direcionada à instância de recepção, que construiria certa adesão ao projeto de fala do enunciador não por uma argumentação lógica, mas por uma construção argumentativa baseada no *pathos*, no *medo da doença e da morte* de um lado, e no *medo do caos econômico*, de outro – o que ficou evidente pelas escolhas lexicais e gramaticais do entrevistado. Nesse sentido, buscamos compreender como o que chamamos, aqui, de *binômio mentira-medo* poderia tornar-se uma força potente, para que a instância cidadã perdesse sua autonomia, funcionando, em alguma medida, como estrutura social manipulável pelos sujeitos agenciadores do discurso político nas esferas de poder durante a Pandemia. Esse comportamento discursivo oscilante de Mandetta, como se viu na entrevista e como se

constatou em outros momentos em que o ex-Ministro concedeu entrevistas coletivas, acabou por empreender uma atitude de cisão entre grupos sociais que se identificavam, por um lado, com políticas mais neoliberais e, por outro, com políticas mais progressistas, contribuindo, em última instância, para a manutenção de uma polaridade política há certo tempo instaurada no país.

De uma maneira mais geral, pudemos observar, como se viu no decorrer do exame dos fragmentos analisados, que o ex-Ministro da Saúde, ainda que oscilasse entre as posturas técnica e política, privilegiou a sua imagem de protetor dos indivíduos, optando por um discurso que evocasse *a saúde, a vida e a coerência* e, por isso mesmo, assumindo uma postura de *reforço de sua voz técnica*. Como se verificou, ao mesmo tempo em que houve esse reforço da instância técnica de Mandetta, houve, em contrapartida, um enfraquecimento de sua instância política, que, nos meses iniciais da pandemia, representaram uma *perda de sua potência de agir*, o que acabou culminando, como é sabido, com a sua demissão do Ministério da Saúde.

Em última análise, verificamos que a construção de estratégias de discurso que evocaram o *binômio mentira-medo* - que foram reforçadas pelas vozes sobrepostas e dissonantes de Mandetta durante sua entrevista no programa Rida Viva – mostraram-se bastante eficazes quando o intuito era tornar a população imóvel, temerosa, não autônoma, e, por isso mesmo, politicamente manipulável.

The razor's edge: in the politics of overlapping and dissonante voices when fear comes to the stage in discourses on COVID-19

Abstract: Having The Theory of the Discourse Semiolinguistics as our main theoretical approach, this article proposes to analyze the discursive construction of the ex-Minister of Health Luiz Henrique Mandetta, concerning the problematics of Covid-19, in an interview given to the TV Program Roda Viva, of TV Cultura, in October 12th, 2020. Observing

Gláuks: Revista de Letras e Artes– jan/jun. 2021 – Vol. 21, Nº 1

transcribed portions of the interview, we aim to identify the overlapping and dissonant voices present in the ex-Minister's narrative, referring to the media, political and technical instances in which he is inserted, in a gradual deconstruction of his initial identification with President Jair Bolsonaro's political-discursive actions. Discursive categories are brought, which are the enunciative behaviour in which those voices are found, as well as the instauration of the fear as a topos: in Mandetta's voice, the fear of disease and death, and in Bolsonaro's voice, the fear of economic chaos.

Keywords: Political discourse, Media discourse, Crossing of voices, Technical expertise, Semiolinguistics analysis

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Pathos e discurso político**. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs). *As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240-251

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso – modos de organização**. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008

CHARAUDEAU, P. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

CHARAUDEAU, P. **A patemização na televisão como estratégia de autenticidade**. Tradução: Renato de Mello In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.) *As emoções no discurso*, volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 23-56

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, PATRICK. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

EMEDIATO, W. **Dimensões e faces da mentira no discurso político**. In: EMEDIATO, W. (org). *Análises do discurso político*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. Faculdade de Letras da UFMG, 2016, p. 14-49.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 5a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. In: O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Comentários e notas James Strachey. Direção da edição brasileira Jayme Salomão. Vol. XXI (p. 75-174). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1930), 1976.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. In: FREUD, S. Coleção Os Pensadores - vol. Freud). Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, São Paulo, 1978.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

LA BOÉTIE, E. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. In: L.C.C. Publicações Eletrônicas, 2006. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao_voluntaria.pdf> Acesso em: 24 de nov. 2020.

LEITE, L.; LEAL, G. **O elogio à crença: a construção da experiência política brasileira a partir do período pré-eleições de 2018**. Gragoatá, Niterói, n. 50, v.24, p. 922-945, 2. sem. 2019.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Tradução Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Editora 34, 2017.

POSSENTI, S. **Durações históricas e sua relação com o público e o privado**. In: LARA, G. P. & LIMBERI, R. P. (orgs). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 49-60.